



DAS POTENCIALIDADES E DOS LIMITES DA CIÊNCIA SEGUNDO FREUD

Laelson Matos Ribeiro Júnior

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: laelsonmrj@gmail.com

Edvania Gomes da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: Edvania.gomes@uesb.edu.br

954

INTRODUÇÃO

É possível afirmar, sem riscos de uma leitura por muito equivocada, que o cenário sócio-político atual deixou patente que o discurso científico perdeu muito de seu prestígio e de sua força como um princípio de ordenamento da realidade.

O fim do século XIX e início do século XX foi palco de múltiplos discursos a respeito de um progresso da humanidade articulado ao desenvolvimento da ciência. Freud fazia coro a tais discursos, chegando a afirmar que “épocas futuras trarão novos, inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura” (2010 [1930], p. 52). Para o autor citado, tais avanços seriam possibilitados justamente por um progresso da ciência e da racionalidade, ao ponto de que o espírito científico e a razão estabeleceriam, com o tempo, o ordenamento da vida psíquica e social (FREUD, 2010 [1933]).

Hoje, no entanto, certamente estamos diante de um panorama distinto. Em um estudo executado pelo Instituto *Gallup*, sob encomenda da organização britânica *Wellcome Trust*, abrangendo 144 países e contando com 140.000 participantes, verificou-se que, “no caso dos brasileiros, 73% desconfiam da ciência e 23% consideram que a produção científica pouco contribui para o desenvolvimento econômico e social do país” (ANDRADE, 2019, p. 17). O referido estudo verificou, ainda, configurações similares à brasileira em todo o mundo.

Na contemporaneidade, a partir de lugares distintos e através de uma multiplicidade de formas, o discurso da ciência foi posto sob questionamento. Uma breve análise nos permite afirmar que o saber científico, atualmente, parece muito longe de possuir uma força tão grande para o estabelecimento das diretrizes de funcionamento da vida psíquica e social quanto Freud supunha que ocorreria no futuro.



Considerando o exposto, nossa proposta, para este trabalho, é recuperar o discurso freudiano sobre o avanço da ciência para tentar delinear algumas linhas de pensamento que nos permitam questionar porque a predição freudiana não se concretizou. Por fim, interessa-nos também, retornar ao próprio Freud para tentar traçar, com base nos textos do autor, linhas de ação a respeito de como nossa posição subjetiva junto ao discurso da ciência pode ser modificada e a potência de transformação da realidade do discurso da ciência pode ser restituída.

955

METODOLOGIA

Metodologicamente, para alcançar o objetivo acima indicado, operamos da seguinte maneira: i) realizamos revisões teóricas sistemáticas de alguns textos freudianos que discutem o discurso da ciência, tais como “Acerca de uma visão de mundo” (2010 [1933]) e “O mal-estar na civilização” (2010 [1930]); ii) analisamos os referidos textos com o intuito principal de apreender, no interior do discurso psicanalítico freudiano, qual era o papel que o discurso científico possuía na cultura, bem como quais seriam as bases de sua abrangência e seus limites; iii) em seguida, alinhando aquilo que foi apreendido a partir das revisões teóricas e das análises, ao pensamento de outros autores, como Lacan e Safatle, buscamos constituir um trabalho capaz de responder satisfatoriamente ao objetivo anteriormente proposto; iv) por fim, elaboramos uma conclusão e um fechamento da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O percurso analítico realizado permite-nos reafirmar a concepção de que, em Freud, delineia-se uma crença no progresso constante do discurso científico e da racionalidade, o que, supostamente, funcionaria como o guia apropriado para avanço da civilização. A este respeito, o pai da psicanálise afirmava que: “nossa maior esperança para o futuro é que o intelecto — o espírito científico, a razão — venha a estabelecer, com o tempo, a ditadura [*Diktatur*] na vida psíquica humana” (FREUD, 2010 [1933], p. 340).

Para além disso, as análises indicam ainda que, para Freud, o que está na base desse progresso é a constatação de que “ela [a ciência] é capaz de aperfeiçoamentos insuspeitados” (2010 [1933], p. 344). Sob tal ótica, seria justamente a possibilidade de

Realização:



Apoio:





retificação constante, operada a partir de uma razão que examina o que está posto como realidade, que estaria na base do progresso humano, pois, a partir da razão e da ciência, os aprimoramentos se tornariam possíveis.

Freud defendia, ainda a respeito dessa ditadura da razão, que “a natureza da razão garante que ela não deixará, então, de conceder o devido lugar aos afetos humanos e ao que é determinado por eles” (2010 [1933], p. 340). Nesse sentido, o progresso da ciência e da racionalidade, em Freud, está relacionado também a uma certa modalidade de governo sobre os afetos e sobre como estes modalizam as produções culturais.

Ao analisar as possíveis razões pelas quais o cenário contemporâneo se apresenta bastante diferente daquele previsto por Freud, nossa empreitada nos permitiu conjecturar que o saber freudiano talvez não tenha considerado, mesmo vislumbrado, as críticas sistemáticas que o racionalismo sofreria ao longo da história. Escapou ao radar do discurso psicanalítico freudiano que, em algum momento do futuro, a força de ordenamento da vida social, possuída pela razão iluminista, seria lentamente minada.

Nossas análises indicam que uma das razões para tal postura assumida por Freud se deve às condições de possibilidade de emergência do discurso psicanalítico freudiano, que tem sua formação no interior do discurso da ciência do século XIX e começo do século seguinte. Neste cenário, a recusa de explicações metafísicas para o funcionamento do mundo e um descredito de crenças embasadas nos afetos — tais como a religião — despontavam como mote de funcionamento do discurso da ciência.

O movimento empreendido por Lacan, por exemplo, nos serve de indício de como essa relação muda ao longo da história. O discurso psicanalítico lacaniano — que se constitui em um momento histórico e social no qual a crítica ao racionalismo se eleva a um nível para além daquele que, com Freud, despontava apenas timidamente — afirma que a ciência teria como uma de suas principais potências operar uma extensão do real. Nas palavras do autor: “o real, por pouco que a ciência aí se meta, vai se estender” (LACAN, 2005 [1974], p. 64). Lacan prossegue sua argumentação afirmando que “a ciência é novidade, e introduzirá um monte de coisas perturbadoras na vida de todos” (2005 [1974], p. 64). É então nesses furos abertos no simbólico pela ciência, a partir dos quais a angústia invade o sujeito, que “a religião terá então muito mais razões ainda para apaziguar os corações” (LACAN, 2005 [1974], p. 64).

Nesse sentido, segundo a teorização lacaniana, conforme a maquinaria científica faz seu avanço, amplia-se também a angústia do sujeito frente à vida. O recurso à religião, citado por Lacan, aparece como uma tentativa do sujeito de produzir uma



narrativa sobre a existência, buscando dar sentido à angústia que lhe invade. A empreitada lacaniana aponta, então, para algo do campo das afecções que a narrativa racionalista da ciência não consegue apreender (e responder) satisfatoriamente, de modo que se faz necessário recorrer a outras estratégias para lidar com o sofrimento.

É possível afirmar, com base nas leituras e análises realizadas, que o cenário sócio-político atual dá fortes indícios de que o princípio de racionalidade do discurso da ciência, por si só, se mostra limitado para mobilizar os corpos (políticos). Como saída para esse impasse, acreditamos que valha a pena retornar à Freud, mas dessa vez auxiliado pela leitura realizada por Safatle (2015), que compreende a sociedade, em última instância, não como um sistema de normas e leis elaboradas por uma racionalidade instrumental, mas como um circuito de afetos.

O autor supramencionado realiza uma leitura e interpretação da proposição freudiana, a respeito de uma “ditadura da razão”, de uma forma singular e particularmente interessante. Para Safatle (2015), a ditadura da razão enunciada pelo saber freudiano **“significa operar sobre si um trabalho que nos permita ser afetados de outra forma,** [...], produzir novos afetos, sensibilidades insensíveis a certas excitações sensíveis ao que, em outras condições, seria imperceptível” (SAFATLE, 2015, p. 125-126, grifos do autor). Safatle sustenta, ainda, que essa posição do discurso psicanalítico recebe sua confirmação quando Freud afirma que tal ditadura da razão “se faz sentir não através da internalização de normatividades com o peso de imperativos, mas através da constituição de ‘razões orgânicas’” (SAFATLE, 2015, p. 126).

Sob tal perspectiva, a concepção de “razões orgânicas” — que pode ser lida como uma outra forma de racionalidade —, ganha para Safatle uma relevância especial, pois, para o autor, “Freud apela à possibilidade de outro regime de circulação de afetos capaz de produzir impulsos corporais que nos façam ter não apenas recusas éticas, mas aversões estéticas a certos usos políticos da destrutividade pulsional” (SAFATLE, 2015, p. 126). Entra em jogo, então, uma certa forma de racionalidade que não submete os afetos à função de serem governados por uma racionalidade instrumental iluminista.

De fato, a interpretação que Safatle (2015) faz do texto freudiano não é aquela mesma que nós fizemos. No entanto, essa leitura abre uma nova dimensão na perspectiva defendida por Freud, e possui consequências que nos permitem atacar nosso problema, indicado no início deste trabalho, por um ângulo distinto. Nesse sentido, o percurso realizado até aqui nos permite defender que, para produzir uma posição diferente do sujeito junto ao discurso da ciência, não basta afirmar a potência da ciência



como um discurso da razão e da verdade, mas se faz necessário, também, produzir novas formas de afecção, novos modos dos afetos circularem no corpo social. Isto porque regimes de afecção diferentes produzem formas de subjetividade distintas (SAFATLE, 2015), culminando não apenas em posições subjetivas diversas frente à ciência, mas também na emergência de uma forma outra de cientificidade — uma que talvez seja mais sensível.

CONCLUSÕES

O percurso deste trabalho nos permitiu vislumbrar que, em Freud, a crença no progresso da ciência está intimamente articulada ao progresso também da racionalidade. A predição freudiana a respeito de uma vitória massiva da ciência não se confirmou, indicando que a racionalidade iluminista já não está mais em seu apogeu. Assim, não mais se sustenta defender um governo da razão sobre os afetos como mote do progresso da cultura e da ciência. Em nossas análises, sustentamos que é preciso considerar o poder que os afetos têm para produzir, eles mesmos, formas de racionalidade singulares. Nesse sentido, se desejamos produzir algo de outra ordem e restituir à ciência sua potência de transformação da realidade social, faz-se necessário tentar produzir regimes de afecções distintos, para que, assim, uma outra ciência e modalidades singulares de afetação em relação ao saber científico possam vir a se constituir.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso psicanalítico. Discurso científico. Racionalidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. de O. Resistência à ciência. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 284, p. 16-21, out. de 2019.
- FREUD, S. Acerca de uma visão de mundo (1933). In: FREUD, S. **Sigmund Freud Obras completas – Volume 18**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 321-354.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. **Sigmund Freud Obras completas – volume 18**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-124.
- LACAN, J. O triunfo da religião (1974). In: LACAN, Jacques. **“O triunfo da religião” precedido de “Discurso aos católicos”**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 55-86.
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.